



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



16 a 19 de agosto

FIOS QUE ENLAÇAM OS “SABERES-EXPERIÊNCIAS” DE UMA MULHER DA ROÇA, MÃE, COSTUREIRA E ESTUDANTE DA EJA

Romário Silva Jorge

E-mail: rom.mario080694@gmail.com

Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC/BA)

Iani Silva Magalhães

Colégio Estadual de Tanque Novo (CETN)

Tanque Novo, outono de 2023.

Aos/às que lutam, resistem e amam a humanidade.

Valho-me desta Carta Pedagógica¹ para promover algumas reflexões sobre aquilo que Jorge e Reis (2022), inspirados no pensamento de Paulo Freire (1921-1997), chamaram de *princípio-esperança*² na educação, que consiste na disponibilidade dos sujeitos para lutar contra as injustiças e superar a postura de inércia diante dos problemas, tendo como impulsos a *amorosidade*, o *otimismo*, a *curiosidade epistemológica* e a *vontade de ser mais*, de *humanizar-se*. Nesta esteira, recorro à minha trajetória pessoal³, com ênfase para os saberes e experiências que me atravessam enquanto mulher da roça⁴, mãe e costureira que, apesar dos desafios cotidianos, encontra motivações para estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e *esperançar* dias melhores.

O conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti (2004), serve como uma metáfora para este texto epistolar. Nele, a escritora nos conduz a um tempo em que os homens, guerreiros, partiam para as batalhas, enquanto as mulheres ficavam em casa e recorriam à arte do tear como uma forma de viver a longa e difícil espera. Porém, na referida narrativa, a moça constrói no tear sua própria história, contrariando os valores e as expectativas a ela impostos. Penso que é neste

¹ Paulo Freire adorava escrever Cartas Pedagógicas, as quais, conforme nos explica Vieira (2018, p. 117), são “[...] marcadas pelo compromisso com um diálogo que construa, de forma sistemática, mas agradavelmente humana, a reflexão rigorosa acerca das questões da educação”.

² Ao longo do texto, notar-se-á que as palavras relacionadas ao pensamento freiriano estão destacadas com o recurso do itálico.

³ Coletou-se a história de vida da primeira autora por meio de conversas informais (em caminhadas matinais e noturnas) que foram audiogravadas e transcritas pelo coautor, enquanto *artesanão intelectual*, com efetiva participação da informante.

⁴ *Ser ou não ser da roça* é entendido aqui como uma construção identitária enredada pelos vínculos que um sujeito tem e/ou diz ter com a terra, a natureza e a agricultura familiar (RIOS, 2011).



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



16 a 19 de agosto

campo de insubmissão e protagonismo que meus “saberes-experiências”⁵ (BONDÍA, 2002) se situam, os quais quero compartilhar com você, caríssimo/a leitor/a, sem qualquer envaidecimento, como uma fonte de inspiração.

Sou Iani Silva Magalhães, a mais nova de seis filhos/as do agricultor Manoel José de Magalhães e da agricultora e dona de casa, Guiomar Rosa da Silva Magalhães, ambos alfabetizados. Nasci em agosto de 1977 e fui criada em uma roça que tinha por nome Beltrão, no município de Tanque Novo, situado no Território de Identidade do Sertão Produtivo, no estado da Bahia. De família humilde, tive que aprender desde cedo a cuidar da terra, d’onde tirávamos o sustento e construíamos relações à base de valores como respeito e solidariedade.

Fui alfabetizada no quintal de casa por meu irmão mais velho, com quem aprendi as primeiras letras. Por vezes, o chão e os gravetos serviram como suportes para que eu pudesse ler e escrever, tal como ocorreu com Paulo Freire antes de adentrar o espaço escolar. Além disso, as atividades do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)⁶, com todas as suas limitações, bem como os encontros de catequese promovidos pela Igreja Católica, oportunizaram momentos únicos de imersão na “cultura do escrito” (REIS; EITERER, 2017).

O ensino dito formal ocorria na área urbana da cidade. Por essa razão, minha mãe, grande incentivadora dos estudos, me conduzia a pé por um trajeto de seis quilômetros, todos os dias, para que eu pudesse ir à escola. Esse esforço me mostrou que “[...] “ter tudo”, “ter leitura” são poses difíceis para aqueles que nasceram e se criaram na roça, assim como trabalhar e estudar ao mesmo tempo, capinar e escrever, ler e colher” (RIOS, 2011, p. 91).

Por conta do estresse resultante dessa *andarilhagem*, a partir dos nove anos de idade, passei a morar e prestar serviços em casas de famílias cidadinas⁷, o que permitiu que eu seguisse estudando. Como os livros eram caros e eu não tinha condição de comprá-los, matriculei-me no turno oposto ao de uma prima, a fim de utilizar os mesmos materiais que ela. Durante muito tempo, ler, escrever, cuidar da casa, carregar latas e mais latas d’água na cabeça, foram as únicas tarefas que eu, mesmo criança, podia fazer.

Com a morte da minha mãe, aos 50 anos, as coisas ficaram ainda mais complicadas para mim. Era recesso junino, dia 28 de junho de 1986, véspera do aniversário de 15 anos de uma

⁵ Pesquisas feitas por Bondía (2002, p. 27) nos mostram que o saber da experiência ou o “saber-experiência”, como preferimos, “[...] tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular”.

⁶ Ver histórico deste movimento no site: <http://querepublicaaccessa.an.gov.br/temas/66-filme/191-mobral.html>.

⁷ Diz-se das famílias que habitam e constroem relações identitárias com/na cidade.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



16 a 19 de agosto



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



das minhas irmãs, quanto isso aconteceu. Por volta dos 12 anos de idade, já cansada das condições de trabalho que se davam no âmbito da exploração, resolvi largar tudo e retornar para a roça. Posso dizer que, através da *conscientização*, já me dava conta das injustiças do mundo e da sua necessária transformação (FREIRE, 1979). É verdade que, “captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age” (FREIRE, 2015, p. 109), e, naquele momento, minha atitude foi dar um basta àquela situação.

Sem muita possibilidade de escolha, voltei a lidar com a terra, com meu pai e irmãos/ãs, fato este que me fez abandonar a escola e, com ela, ao menos provisoriamente, o desejo de me formar. Nessa mesma época, fui tomada por um profundo interesse pela costura, bordado e outras artes manuais. Costurar, bordar e fiar são “rimas” que ecoam na vida das mulheres da família e atravessam gerações. Levava jeito para o corte e as peças que eu fazia possuíam um estilo próprio, uma marca de profissionalidade, embora iniciante. Optei, então, por seguir minha carreira como costureira, contudo, encontrei muitos obstáculos para entrar no mercado e logo desanimei. Como pontuam Jorge e Reis (2022), as frustrações tendem a nos fragilizar e refletem diretamente na nossa disposição para *esperançar*, para empreender novos sonhos.

Angustiada, resolvi “tecer” experiências diferentes e conhecer outros contextos de atuação. Fui pra São Paulo com 17 anos de idade, onde permaneci por três anos, atuando como empregada doméstica. Em meio a “labuta” diária, comecei a namorar uma pessoa e, depois de alguns meses de relacionamento, engravidei. Foi quando decidi regressar para a Bahia e retomar o ofício da costura. Mais experiente, em pouco tempo, ganhei uma clientela gigantesca. Comprometida com uma carga horária de até 20 horas diárias de atuação e com meu filho já nascido, mas ainda pequeno, o retorno para a escola, enquanto estudante, parecia cada vez mais distante. De qualquer forma, como uma boa mãe, busquei acompanhá-lo em todo o seu processo formativo, oferecendo-lhe o que de melhor podia e sabia.

No que diz respeito ao casamento, pouco a pouco, fui me dando conta de que a cumplicidade e carinho cedera lugar para as brigas e cobranças excessivas. Não bastasse isso, me esforçava sobremaneira para sustentar a casa e atender, entristecida, os caprichos do marido. A moça tecelã, do conto que nos serve de metáfora neste texto, vivia uma relação semelhante a esta: “[...] tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo” (COLASANTI, 2004, s/p).

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



16 a 19 de agosto



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



Nas condições desiguais em que eu vivia, as tentativas de opressão e controle do meu corpo eram constantes, para mim e outras mulheres da roça, mães, donas de casa, esposas... Como Reis e Eiterer (2017), acredito que essa lógica tem sua origem em estereótipos que nos dizem em quais espaços podemos estar, o que convém aos homens e às mulheres pensar, dizer, vestir, fazer... Sobre o assunto, as autoras acrescentam:

Desde a infância, somos orientados para seguir determinados comportamentos socialmente aceitos. Temos um ideário cultural de que as mulheres são sensíveis, dóceis, amáveis, frágeis, gentis, cuidadosas, cuidadoras, e ocupam-se, sobretudo, do privado, da família, das “coisas” de mulher [...]. Já os homens são considerados fortes, inteligentes, racionais, competitivos, provedores e atentam para o que é público. (REIS; EITERER, 2017, p. 7).

Para romper com esse ciclo vicioso, e tendo em vista as crises que estava enfrentando no casamento, em decorrência do alcoolismo e das constantes agressões físicas e psicológicas, cheguei à conclusão de que seria melhor ser mãe solteira. Sem hesitar, migrei novamente para o Sudeste do país, e lá fiquei por cerca de seis anos. Mesmo com *coragem* e *otimismo*, admito que estar longe de casa, manter um emprego precário e educar meu filho, sem o apoio de um/a familiar, fez com que essa experiência se tornasse mais desafiadora que qualquer outra. Com o anúncio da pandemia da Covid-19, em março de 2020, e já cansada da rotina frenética de São Paulo, retornei pra Tanque Novo. Ser mulher da roça e mãe solteira me obrigava a fazer escolhas difíceis, quase sempre marcadas pela itinerância e *andarilhagem*, pelo movimento “lá” e “cá”, tornando-me uma “viajante da estrada” (BRANDÃO, 1999 *apud* RIOS, 2011, p. 93).

Reestabelecida, engajada com as costuras e com o meu filho já maior de idade, por incentivo de amigos/as, decidi que era hora de adentrar novamente os muros da escola, depois de mais de 31 anos fora dela, e reavivar aquele desejo antigo de concluir os estudos. Matriculei-me no Eixo IV⁸ da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma das escolas municipais, em 2021, quando a pandemia ainda estava latente e o ensino remoto era uma das únicas possibilidades de interação. Aquela nova realidade exigiu de mim uma readaptação à dinâmica escolar e uma transformação na maneira como eu estudava-aprendia e via o mundo (FREIRE, 1979) – naquele momento, basicamente, por intermédio da tela do celular e da presença *online*. Pude constatar que o *diálogo* entre professores/as e alunos/as é indispensável para uma educação que se quer mais humana e capaz de formar cidadãos críticos, éticos e responsáveis.

⁸ No município de Tanque Novo, a etapa da EJA correspondente aos anos finais do Ensino Fundamental é organizada em dois Eixos: Eixo IV (6º e 7º anos) e Eixo V (8º e 9º anos).

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



16 a 19 de agosto

Hoje, já no Ensino Médio, decorridos três anos desde que “ousei” estudar novamente, olho para minha trajetória e penso o quão difícil foi e tem sido chegar até aqui. Digo isso porque não é tão simples conciliar trabalho, afazeres de casa, encontrar brechas para cuidar da minha saúde e ainda dispor de tempo para ir à escola todos os dias à noite. “Nem tudo são flores” na vida de uma mulher oriunda da roça, mãe, costureira e estudante da EJA que tem as “tramas” do seu passado e presente “tingidas” pela desigualdade, discriminação, machismo e múltiplas violências (REIS; EITERER, 2017). Apesar disso, procuro livrar-me das lamentações e focar nas aprendizagens construídas nestas itinerâncias, afinal, “[...] enquanto sujeito da história, o ser humano vai dinamizando o seu mundo a partir das relações com ele e nele; vai criando, recriando; decidindo...” (FREIRE, 1979, p. 36) produzindo saberes.

Dos “fios” que enlaçam meus “saberes-experiências” (BONDÍA, 2002), destaco a compreensão de que, sem a educação, tornamo-nos reféns dos/as opressores/as. A partir do momento em que aprendi a ler e escrever, tendo os elementos da roça como *palavras geradoras*, fui compreendendo a estreita relação entre *conscientização* e *alfabetização*, que consiste em “entender o que se lê e escrever o que se entende” (FREIRE, 1979, p. 41). De fato, sem a *leitura do mundo* e a *leitura da palavra*, a superação das condições desiguais e o desencadeamento de outros *atos criadores* (FREIRE, 2015) passam a ser concebidos como inalcançáveis.

Diante das lutas que enfrentamos, na educação e na sociedade como um todo, deixo o seguinte conselho: é preciso *esperançar*, superar a ingenuidade e tomar atitudes que deem sentido à vontade de *ser mais* e fazer diferente: aproveitar as oportunidades que surgem, dedicar-se aos estudos, lutar contra as injustiças, saber a hora de brincar e a hora de falar sério, vencer o comodismo e ser *agente de transformação*. Lembre-se de que não há ignorância total nem sabedoria absoluta, por isso, temos que estar sempre buscando – *ensinando-e-aprendendo uns com os outros*, Freire diria –, sem perder de vista o *princípio-esperança*, a *amorosidade* e a certeza de que cabe a cada um de nós a escolha dos “fios” com os quais queremos “tecer” o presente e o futuro, nosso e da humanidade.

Palavras-chave: Mulher da roça. Princípio-esperança. Educação de Jovens e Adultos (EJA).

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



16 a 19 de agosto



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n 19, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 jun. 2023.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12 ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRIERE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

JORGE, Romário Silva; REIS, Sônia Maria Alves de. Aprender com a Fênix: reflexões sobre o princípio-esperança na Educação. *In: Anais do XXIII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire: Sistema Paulo Freire: da Educação Básica à Educação Superior* [recurso eletrônico]. Cheron Zanini Moretti...[et al.] (Orgs). Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) – São Leopoldo: Casa Leiria, 2022, p. 332-335. Disponível em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/educacao/xxiiifelpf/248/index.html>. Acesso em: 8 jun. 2023.

VIEIRA, Adriano. Cartas Pedagógicas. *In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; Zitkoski, Jaime José. (Orgs.). Dicionário Paulo Freire*. 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 116-117.

REIS, Sonia Maria Alves de Oliveira; EITERER, Carmem Lucia. “Nem Tudo São Flores”: a interface da Educação Popular e um modo de ser mulher, mãe e líder nas Comunidades Eclesiais de Base. *In: Anais da 38ª Reunião Nacional da Anped...* São Luís - Maranhão: ANPED/UFMA, 2017. v. 1. p. 1-17. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT06_508.pdf. Acesso em: 13 jun. 2023.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser e não ser da roça, eis a questão!** Identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.